

Trimestre.....	25000
Semestre.....	45000
Anno.....	85000

O PENSADOR

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Maranhão, 20 de Setembro de 1881

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE SETEMBRO DE 1881.

A moral do Christo e a moral de todos os tempos

«Não ha um só homem instruido que não saiba que o systema de moral exposto no Novo Testamento não contém uma so maxima que não tenha sido anteriormente annunciada, e que as mais admiraveis passagens das escriptas dos apóstolos são citações extrahidas dos autores pagãos, e que, longe de nos fornecer, como supõe alguns autores, objecções contra o christianismo, este facto prova fortemente em seu favor, pois que indica a relação intima que existe entre as doutrinas do Christo e as sympathias moraes do genero humano nos diferentes seculos. Mas affirmar que o christianismo revelou ao homem verdades moraes até então desconhecidas, é dar prova de grossa ignorancia, ou de obstinada velhacaria. Por quanto facilmente se convencerá desta verdade aquelle que indagar da antiguidade onde encontra as nações barbaras possuindo o conhecimento das verdades moraes, independentes do christianismo, e promulgadas muito antes do apparecimento do filho de David. (Buckle history of civilisation in England, pg. 201 1.º v.º)

Esta situação que nos serve de epigraphe é a mais completa synthese da moral de todos os tempos. O Christo nada inventou, apenas foi o continuador das doutrinas de todos os tempos. Pois, praticar o bem, amar ao proximo como a si

proprio, perdoar as injurias, honrar á seus pais, respeitar aos superiores, são as regras essenciaes de moral, que existem muito naturalmente no coração do homem, sem que todas os sermões, predicas ou homilias tenham conseguido augmentar a mais insignificante descoberta á estes principios naturaes de moral, e nem concorrido jamais para o progresso da humanidade.

O homem aperfeicou-se pelas verdades intellectuaes, que lhes são fornecidas pelas sciencias, e que constituem o patrimonio de todos os povos em todos os tempos. A moral é de um caracter inteiramente privado, que só aproveita áquelle que a pratica; ao passo que as verdades intellectuaes são universaes, e concorrem para o bem de todos.

Doude se conhece que os excessos preceitos de moral sendo innatos no coração do homem, é impróprio, e mesmo esteril em seus resultados, a soita que pretender aperfeicoar o homem por este meio.

Por tanto si é immensa a differença, como de facto o é, entre os homens do passado e os dos nossos dias, este resultado é devido ao progresso intellectual da humanidade, e não á essas verdades moraes que nunca foram reveladas ao homem, como pretendem os padres.

Uma vez os melhoramentos sociaes, as applicações legislativas, descobertas scientificas, o predomínio do homem sobre a natureza, a segurança individual posto o homem ao abrigo dos ataques dos maos,

a philantropia substituiu a caridade, enfim a tendença da politica para um alvo puramente humano, em vez das preoccupações da salvação eterna, dizem, todos estes melhoramentos sociaes, são conquistas do progresso scientifico, e não resultados das proceas moraes como supõe a theologia, que tem batido em retirada diante do caminhar incessante da humanidade.

Logo, o bem estar do homem, a sua felicidade na terra, depende das sciencias, das artes, da industria, e não das praticas mentaes d'uma moral, que coloca na terra o coração do crente, e no céu o olhar mystico de ambições irrealizaveis.

O que promettem os padres áquelle que pratica a virtude?—Um céu gelado e problemático, dependente da vontade de um ente absoluto!

O que promete a sciencia áquelle que a cultivar? A satisfação do espirito ao descobrimento da verdade, a consciencia do merecimento proprio, o profundo respeito para com o proximo, a consagração da mulher como filha, irmã, esposa e mãe, e uma palavra, todo o bem-estar que hoje possuímos e que nossos paes não conheceram, e que os nossos filhos possuirão ainda em maior grau.

Pelo que é estéril, ociosa, a tentativa dos homens do passado, dos reaccionarios em querer chamar para o céu, que imaginam, uma sociedade que segue rumo diverso d'aquelle traçado pelas beatissimos padres.

O criminoso, a antiguidade, macerava o

corpo, fugia da sociedade, embrutecia a razão para melhor subir ao céu despojado do involucro terrestre.

O homem moderno esmera-se em possuir uma mente sã, um corpo sã, reunese em sociedade para conquistar o bem; submete o sentimento á imaginação e todas as inclinações viciosas á razão esclarecida, e dando todo cuidado enfim ao seu involucro terrestre, procura o verdadeiro céu, que é a sociedade, onde viverá, primeiro objectivamente, como ser social, e depois subjectivamente na memoria da posteridade, si for útil aos seus semelhantes.

A revolução do Christo consistio em introduzir a unidade no systema religioso, reduzindo os deuses á um só; mas a igreja catholica dos jesuitas modernos tem estendido o regimen do polytheismo até o ponto de adorarem o coração de Jesus, o coração de Maria, e inventado mais um outro typo de invocação da Virgem Maria—Nossa Senhora de Lourdes—tudo isto pela exterioridade da sua moral que não conquista mais senão os corações d'aquellas mulheres que perderam as aspirações da maternidade, em dos que desejam occultar nas comédias do culto catholico as máldades do coração.

Porém o mais admiravel espectáculo que nestes tempos de liberdade de consciencia, apresentação os jesuitas á sociedade moderna, é a formação d'uma sociedade crente pelos padres, no seio da propria sociedade, dotada de praticas altruistas, de vida mystica, com uma moral tão egoista, tão intolerante, que is-

FOLHETIM.

O SR. BISPO DO PARÁ ENTRE NÓS.

Estamos a 30 do mez passado, Seriam pouco mais ou menos 9 1/2 da manhã.

Algumas pessoas movidas pela curiosidade, aguardavam na rampa de Palacio, o desembarque do revm. bispo do Pará, que de passagem para a Corte, lembrara-se de fazer-nos uma visita.

Dali a pouco o revm. *Guadalu*, em companhia do revm. *Fonseca* e do inseparavel *Beind*, apressados dirigiram-se para o lugar do desembarque.

Pela rua do Trapiche, desembocava o *caféiro Tobi*, juntamente com o *Piscavão*, que lembrando-se do *abaco* com que provavelmente havia de regalar a barriega, ria-se o presenteiro contava aneddotas ao *Tobi*.

O *caféiro*, porém, conservava-se serio, pois havia muito tempo que malvava cogitando um *meio processo* para ganhar dinheiro, e regalar-se a custa do parlapião de nosso *altruído*.

(*) Par alluência de mal (1) deixou de sair no numero passado o presente folhetim.

Quasi ao mesmo tempo, *Frei Marinho*, com aquella physionomia *agapathica* e *jozól*, que todos admiram, e ante a qual extasiava-se, seguido de um bando de rapazes, corria precipitoso ao encontro da *juia* que não tardava a desembarcar.

Frei Marinho, o *pebete* da massa diocesa, todo perfumado e agraciado, recendendo a aromas fortes e exultantes, de prado da Guarda moria, dirigia de vez em quando ternos e languidos olhares para umas dulcinhas de cabelos soltos, que por mera curiosidade achavam-se n'aquelle lugar.

Mi vem! ali vem! gritavam alguns moleques, frequentadores assíduos de funcções desta natureza.

Com effeito, olhamos em direcção á rua do Trapiche, e descobrimos o Sr. D. Alvarenga, que em companhia de alguns *bagulheiros*, com aquelle olhar feacru e arrebolador que já conhecemos, dirigia-se ao encontro de seu collega.

S. Exc. porém vinha triste.

Em seu rosto, denotavam-se vestigios bem apparentes de uma tristeza profunda.

As feacs macilentas, os labios contrahidos, a fronte pendente, em fim, tudo deixava transparecer o soffrimento de

que se achava apodetada aquella fraza alina.

Ao seu encontro, foram algumas vadios e maltrapilhos acompanhados do *Piscavão* e do *caféiro Tobi*.

Os homens de bem que por ali estavam, como simples espectadores, conservaram-se firmes, sem fazer caso de S. Exc.

Mi vem! ali vem! gritam novamente os moleques, que a meu ver, mostravam grande interesse pelo negocio.

Olha, Desta vez porém era um escaher que corria em direcção á rampa, conduzindo a *saeta* individualidade do Sr. D. *Antônio do Pará*.

O revm. *Guadalu* e *Fonseca*, que acompanhavam S. Exc. no mesmo escaher, riam-se a bandeiras despregadas ao contarem a S. Exc. as *anoturas* que por aqui tem praticado o nosso *altruído*.

Ingratam! Aproveitavam-se da occasião para escarnecer d'aquelle, que por seus conselhos, acha-se hoje envolto no desprezo publico.

O capitão *Paras*, isto é, o *Protol*, que tambem vinha no mesmo escaher, foi quem em segredo contou-nos o que acabamos de referir.

As soon de fayas, saltou o Sr. D. Antonio da Costa, que foi logo abraçado pelo seu collega e por outros typos pertencentes á *irmandade*.

O *Piscavão*, com o joelho em terra, quasi que engolia a mão do Sr. D. Antônio, que passando ante uma cousa tão estupenda, não pôde deixar de immediatamente perguntar ao seu collega:

—Quem é este senhor??

—É o homem que mais come aqui na provincia, caro collega.

—É um alarve, diz *Frei Guadalu*.

—Sim, alarve, exclama o *Piscavão* li-soupejado por tantas delicadezas.

Procedidos por uma batallão de moleques e *caidos*, dirigem-se a *saeta* passeiada para as Mercezes, onde havia pago de grasso.

O *Piscavão*, pelo caminho apontentava o *Tobi*, contando-lhe os preparativos que tinha observado nas Mercezes, e apromptando-se para travar renhida luta com um pobre leão, que tencionava reduzir á expressão mais simples.

Trescavava á gorburta!

Eva a imagem perfeita da tentabilidade??

va os ministros da agonizante seita a pregar nos templos de portas fechadas?!

Quando a divisa dos tempos modernos é *ever à claraz*, à luz da publicidade, o nosso bispo encerra-se no templo com as trindas da oração de Jesus, e pregachos de portas fechadas as doutrinas do jesuitismo. Tanta consciência tem S. Exe. de que o seu modo de comprehender a religião, de pastorear a seu rebanho, é respaldado pela maioria dos cidadãos, que como crummo transformo o templo em caverna de malfeitores?

Não querias vir assemelhar aos cães mortos da escriptura e ladrar no deserto do tempo entre poucos seculares, que ainda não receberam a luz que illumina o espirito, a *instrução*, e por isso é que vos seguem ainda.

E não estais ainda convencido de que a vossa doutrina não convem mais nos nossos tempos, e que a vossa moral não é a do Christo, o moral de todos os tempos?

24. Injúrias e ódio irreconciliavel, prometido pelo vossa seita, honras e mulheres, via responsabilidade que trabalham peias conquistas do direito moderno, pelas descobertas scientificas, por todos os melhoramentos industriais, donde nasce a felicidade pública.

Si apreensões, como na vossa escriptura, te seias que não dorão leite, e o ventre que não deo fruto, as doutrinas modernas vos respondem: com esse brodo ingente que cacha em todos as corações, —*per os osseos, aquino a fundia*, para dardes à patria filhos sãos do corpo e do espirito, que serão os herdeiros e continuadores dos obreiros do progresso!

A philantropia e não a simples caridade; a cultura do direito, das sciencias que aperfeicoam o homem, o desenvolvimento da industria que augmenta a riqueza pública; a fraternidade de todos os homens, de todas os países; a liberdade de consciencia; a secularisação da sociedade; e não as praticas absurdas da vossa seita, eis as aspirações modernas, eis a moral que engrandece a sociedade.

Chegaram ao seminario das Moxez. A sua recepção vieram algumas *zodas*, verdadeiras *perolas* que desprezam o interior de suas casas, seus esposos, filhos, e enfim os deveres que uma verdadeira mãe de familia tem a precuciar, pelas igrejas e sacristias, onde em lugar de adorar-se a Deus, e tractar-se de assumptos religiosos, commettem-se toda a casa de bandalheiras e desrespeita-se a todo momento o sagrado nome de Christo.

Uma luita meza, ansiosa aguardava a chegada dos *bentos* personagens. O *Pirocam* já ali se achava, tragando com os olhos as succulentas iguarias dezanadas nos inexpugnaveis estomagos. A meza todos comiam e comiam com appetite.

O vinho fugia das garrafas para acenar-se nos cerebros dos convivas. O *Pirocam* atarefado e suando, não conversava. Bodeado de uma enorme quantidade de pratos e garrafas, os *queixos* de tal zfluencia não cessavam de trabalhar. Duzes de trez vozes *sublevaram-se*. Nova dose de alimentos, porém, affectavam-nô da intalção.

Como não a pentieses, fazeis bem em fecharnos em vossos templos contriguados a superstição.

O jorneu moderno já cantou o *de profanho* sobre a campã das vossas doutrinas, isto é, a porta das vossas templos.

Em breve, nem ahi mesmo sera curvada a vossa voz.

O paquin clerical e a digno Presidente da provincia.

Foi sempre motivo para elogios as officialidades a solicitude com que procedem d'accordo com as denuncias da imprensa.

Uma autoridade que presta ao jornalismo, essa agraçava poderosa do progresso, a homenagem a que tem direito, sempre o seu dever e torna-se por isso necessitaria da estima e do respeito de seus concidadãos.

Aqui já houve um presidente que, por ter sido a culposa fraqueza de confessar que não lha, nem ligava importancia a gazetas, tornou-se o alvo de innumeradas censuras, perdendo ainda o prestigio, apangio indispensavel aos encarregados de fazer cumprir a lei.

O *paquin clerical*, volutando com seus inamitáveis principios, mas em completo antagonismo com o paralismo sensato e independente, entende que a autoridade procede com justiça despresando os reclamos da imprensa moralisada, com tanto que se moibe, ao menos uma vez por semana, nos agãos sujas das pars de Santo Antonio.

E como o actual administrador da provincia, caracter honestissimo, cuja integridade tem sido respondida até pelas adversarias, não pensa como os fatados de Santo Antonio, procuram aquelles demofolores da religião actual-o por factos, que constituem a serie não interrompida de actos honestos e reflectidos, que deram ao governo de S. Exe. esse tom de simudez tão applaudido pelas maranhenses.

O aviso do governo mandando o padre Fonseca respeitar a lei, optando por um dos lugares que exercia ilegalmente, foi o thema que aproveitou o *paquin* para censurar o exm. sr. dr. Gacimato.

Acabado que foi o almoco, onde cada qual dos convivas mostrara para quanto valia. *Frei Miranda*, com o sorriso a pensar lha nos ridiculos balões, e já um pouco *obrigado*, proprio que formou um divertimento em honra ao hospede.

Um grido d'entusiasmo foi a resposta a uma tão feliz lembrança.

O *quinto Bristol*, o antigo trovador d'espinnas, lança mão de um violão, que ali se achava, e com a voz repassada de *verana*, canta uma daquellas *modalabas esportivas* com que, segundo elle proprio diz, conseguiu muitas cousas em outros melhores tempos.

Frei Marcos, *Frei Miranda* e as *caudas* que ali se achavam, enthusiasmadas rompem a uma *farfusa chorado*, que tornou-se ainda mais interessante quando *Frei Marinho*, com o garbo e a graça que lha são peculiares, dirige-se a *Frei Fonseca* que conversava com *Frei Guedes*, e dá-lhe um tamanho *panga* que por pouco fazia desabar aquelle coqueto mal preparado da pelles e ossos.

Os dois *subidos* conversavam, sendo interrompidos de vez em quando pelas risadas estrepitantes de *Frei Guedes*. O *Pirocam*, completamente esquecido

Destillemos esse amantado indigesto de asneiras que, de parvoira com muitas outras estupadas do pipã, enchem o *paquin* do dia 10 do corrente e mostremnos ao publico zousado a *farva* dos argumentos d'essas pias crenturas, fortificadas infinitamente pelo *vaio* das galhofas e mirradasas pelo contacto de *Tóes*, *Farias* et reliqua.

O PESSACON, encarregado de manter nos limites da lei os agudos perigosos da curia romana, denunciou o padre Rainaldo Alves da Fonseca que, sendo capellão do exorcato, denunciava contra disposição de lei clerica e terminante charges *vidalices*.

O digno Presidente, zeloso como é, levou immediatamente ao conhecimento do governo imperial a nossa denuncia, cuja justiça motivou o aviso a que acabamos de alludir.

Por o *paquin clerical*, sendo despeito parte dos seus peros, afflicta a authoridade que entãqum a seu dever fazendo a commutação, e porqum, ao mesmo tempo, o ministro que iratrou ao seu compare a *seita papalina* de tantos annos.

E não satisfeito com este procedimeto desleal e traiçoeiro, confessou ainda com desandarado de negativas que não insistia S. Exe. porque se achia doente, carecendo de cuidados e repouso!

Esta affirmativa e ainda mais solenne mentira.

O *paquin clerical*, cuja redacção é composta de impios do Senhor, pouco se incomoda com os soffeimentos do dr. Gacimato e seão o instituir como costuma e porque já não tem *Testa de Ferro*, que respondia perante os tribunales pelas infamias dos *Motórios* e seus dignos pares.

Conclue triumphante o *paquin* decidindo que o padre Fonseca nada sente, porque não estava preso no Quartel pela barriga.

Resma temofias!

Não estava preso! e no entanto so deixa a usa quando o governo, avisado pelo seu digno delegado, lha manda tirar em nome da lei.

do que em roda de si se passava, acotimelha, com uma voracidade espantosa, e restanto do almoco que ainda se achava sobre a meza.

Foi preciso o servente a um signal do *intercessante Frei Marinho*, deslejar tal animal do arrastar onde pudera por muito tempo e de boa vontade permanecer.

Foi esta a recepção, que segundo os apontamentos que nos foram ministrados pelo *esquadril Bristol*, e pelo que presenciamos, teve o Sr. D. Antonio do Pará, ao ter a infeliz lembrança de demorasse algumas horas entre nós.

Ao retirar-se, S. Exe. que embora levado da lareira passara contendo, intelligencia e illustração, foi, segundo nos disse o *Tóes*, muito contrariado pelo que presenciara e fazendo muito máo juizo do *subido* e de *algumas* padraz desta terra.

O Sr. D. Alvarenga reflectia se tudo commetido alguma *lábex* em presenca de seu collega.

Frei Guedes e *Frei Fonseca*, os inseparaveis, regosijaram se por terem lido mais aquella occasião de falar mal de seu amo e protector.

E não assim todas as accusações d'essa seita da imprensa, d'outros tão insolente como o lacio embriagado e logo covarde e humilde como o vil sicario.

Costa realmente a crer na coragem d'o PESSACON que, durante tanto tempo e zousado em todo encarte, se latesse com tão baixos adversarios.

Missas inconvenientes.

O bispo do Pará entende que o melhor meio de se reconciliar com seu rebanho era livrar-se de *certos tractes*, que perturbavam a paz de sua diocese; e conhecendo o fraco de D. Alvarenga por estas *preciosidades*, consignou-lhe uma de *subido caber* e agora na sua passagem deixou-lhe outra, que, a julgar pelas primeiras *facanhas*, promete vir a ser um auxilior poderoso do infame *Geddelho*.

A *paz* de que nos occupamos é, segundo nos informam, de origem franceza e foi expulsa da patria em consequencia da humanitaria lei, que tanto celebrosou Julio Ferry, esse grande patriota que livrou a França da pestula gangrenosa do jesuitismo.

Conhecendo o terreno em que pisava e sabendo, naturalmente por informações, da simplicidade do nosso BOLONIO, o jesuita francez deixou logo as manguihas do furo, declarando-se habilitado por bullas do pipã a praticar um sem numero de narroceiras.

Foi por isso que no sabado passado o publico desta capital ficou surpreendido com a estravagante noticia de dizer o tal padre francez missas com a igreja fechada.

Se este facto, tão original, se desse em Santo Antonio ou nas Moxez, não lhe ligariam importancia; mas como o maranhão jesuita escolheu a igreja do Recolhimento para theatro de sua novidade religiosa, não podemos ficar silenciosos e como maranhenses protestamos contra semelhante abuso, queá porvorsor de outros, sem duvida mais perigosos.

Junto a essa igreja existe como é sa-

Frei Miranda endieitava as vestes e *Frei Mercado* deffronte de um espelho admirava as fumas seductororas com que douthe-lhe a natureza.

A um canto o *Tóes* lustrava-se da vida, queizandose do *officio* que já pouco rende e leudrando-se de seu amigo *Pereira*, que longe, em novos ares, achava-se consuelecendo da tremenda sova que por aqui apanhara.

O *Pirocam*, afrontado e quasi sem poder levantar-se, recordava-se do prazer que fruira, e lançava ternos olhares á meza que agora achava-se completamente luita.

De vez em quando fazia as seguintes perguntas: —Quando elle voltará? Quando passará por aqui outra vez? Teremos outra pandega?...

E em tremor convulsivo agitava-lhe a queixada!

Setembro — 1881.

Oscur d'Alca.

hido um estabelecimento de meninas e senhoras recolhidas, dignas de toda a consideração e respeito, não só pelo direito do sexo, como porque ali se acham, na sua maioria, impellidos pelo infortúnio.

O que significa pois apresentar-se um padre estrangeiro, de conducta desregrada e moral naturalmente duvidosa, a dizer missas n'aquelle estabelecimento com a porta da igreja fechada?!

Não bastavam ao espirito religioso da casa as missas ditas publicamente pelo irmão da actual Superiora, padre moralisado e de vida exemplarissima?

Este facto, que acreditamos por nos ser relatado por um cavalheiro de sabido conceito, carece de prompto correctivo. O bispo diocesano nada esperamos porque conhecemos sua fraqueza e por isso chamamos a attenção das autoridades civis para as luas missas inconvenientes, convencidos de que honrarão qualquer providencia que possa ter a semelhante obra.

A provincia depende com as meninas asyadas não pouca somma, razão por que a autoridade civil tem direito e obrigação de fiscalisar tudo que de por lá lhes interesse. E assim o esperamos.

VARIEDADE

O capitão n.º.

Gentrezes o capitão n.º? Pois o capitão n.º é o proprio frei Fouseca, por alguma frei Magriço e por escarneo o philosopho.

Capitão n.º, frei Fouseca, frei Magriço e o philosopho é uma e a mesma coisa.

Porque razão chamais os emprestais esses titulos ao debil sacerdote? nos perguntará o leitor.

Emprestar? *Que mosca!* Damos a esse mirrado sacerdote, o que é d'esse sacerdote mirrado! Nada mais, nada menos!...

Chamamo-lo frei Fouseca, porque elle é Fouseca. E nome herdado de seu pai d'elle. Dizemos-lhe Magriço, porque elle pouco mais grosso e do que uma agulha n.º 8. Finalmente, damos compeçantes em dar-lhe a almeida de philosopho, por que ella estada e sabe de cor e salteado o tal compendio de Soriano, de cujo tal livre nos Deus, Nosso Senhor. Amen.

Ora, ali está provado, leitor, que nós lhe chamamos tudo isso, porque tudo isso elle o é...

Agora uma vez que, já todos o gosto de saber o motivo, porque o santo varão é Fouseca, e Magriço e o philosopho, adunamos convenientemente que não ignoreis a causa, porque lhe chamamos—capitão n.º. Para isso torna-se necessario, que feche mos a porta a estes protegeos e principiamos a historia da vida de frei Magriço.

Com licença, leitor...

Vivia em uma Athenas, que certamente não era a capital da Grecia, um virtuosissimo e dobilissimo sacerdote, verdadeiro *speciosa justitia*, que era capellão e capitão.

O nosso amigo, parece-nos, que gostava de todas esses titulos, que acallão em *de*. Esse homem, não se contentando com os *de* de capellão e capitão, preferia ser mais alguma coisa.

Isso deu muito na vista de nosso bom governo, porque, fallando com justiça, o governo tem bons olhos. Um bello dia o almo subio de ponto. O magro sacerdote não gostava só dos *de*. Quería ensinar o S. Thomaz á memoria do Lyceo, ser fundador de jornaes civis-sabidos e de irmandades caritativas (o coração é do lado esquerdo) e tudo mais!

O governo entendeu apertar o revól. sacerdote e por vias competentes mandou-lhe esta missiva: «Dente ou queixo! Ou voce fica com os seus queridos *de* ou

além tem de abandonar-os e ir ensinar o S. Thomaz d'Aquino aos *estudantes*, ás irmãs do coração e até aos carabros, se isso lhe convier. Dente ou queixo!»

O insistente jesuita abraçado á seus tantos empregos, como um cão faminto á um osso gorduroso, fazia as doçuras de seu castigo, tão diamante, como o de um mosquito!

O povo, o pandego povo Atheniense ou, para melhor dizer, o 3.º poder do estado arvorou-se em proferir das patris leis e disse, num pensamento: Não queres deixar de ser capellão e capitão? Pois bem! Despir-te-lhe-as e fícaras, como viches ao mundo! Ainda que seja preciso enforcar-te, fal-o-lhe-as, na certeza de que tu *cheiraras em vão!*

Polvo homem!...

Cercado pela turba desordeira, foi levado ao throno de Indas.

Em pleno Agosto fomos ter um sabbado d'almeida!

Antes de subir á execução, o virtuoso sacerdote, volvem um olhar de despedida ás formos irmãs do coração, que o circumdavam. Aquelles olhos inundados de lagrimas abundantes faziam clamar: aquelles bocas pronunciavam palavras tão doces de consolação e exclamações tão doídas, que corriam o coração, o mais empederado!

O Mourão, senhores, o Mourão, empungido por aquelle espectáculo solenne, disse, com a mais intima convicção: Eu sou malvado, mas isto é mais forte do que eu!

O humilde e expiatorio sacerdote recordando as forças, perdidas pelas successivas commoções, porque passara, encurou seus olhos e disse as ultimas:

Perai! irmãs, que antes de fazerem de mim *gato-sapato*, eu vo: dirija algumas palavras—por secas e tuvas.

Sim, queridos curvales, convém que eu faça uma ligeira exposição de minha última vontade. A minha roupa, primeiro, que tudo, eu quero que assua seja destruida; a minha batina nova, a batina de meu coração, eu quero que seja entregue... a quem? ao Mourão? não. Esse é muito gorlo e pode esparcar-me a sotaina! Ao Miranda? tambem não; porque, segundo me disse esse *pefit-mois*, elle não gosta de vestir nunsos!... Entalado! Mas, a quem deixar eu a minha batina? ao Mirasol? esse é muito baixo e pode arrastar-a a pelo chão, enlameando, o que tanto me custa! Ah!... a minha batina, meus irmãos, eu quero que seja entregue a uma irmã do coração, á mais alta, para fazer uma bata e com esta assistir as rezas em Santo Antonio...

E que tal, sr. Mirasol? que tal a disposição da padre? pergunta o abeso Almeida ao revól protector da Acadia.

—Magnifico! responde o Mirasol: mas aquella batina me enervava; porque esta reputando para a sua já está na minha fivreira. Quanto ao ser comprido... carlavas-se...

—Pso? continua o capellão-capitão: a minha dignidade, objecto mais precioso, que possuo...

—De que ginto é a sua dignidade, interpe o Mirasol, deixa ver se te serve...

—Não! diz o testador: a minha dignidade eu lego, em dou de escola á esse meu companheiro de vida. Eu tenho pouca. Elle nenhuma possui: portanto que fique com a minha.

—Obrigado, diz o Mourão, muito obrigado, meu amigo... Só assua eu teria dignidade.

Ainda o testador: a minha philosophia, a minha sciencia eu lego ao Diocesano, Polbre de espirito, ignorante, o quanto se pode imaginar, elle precisa de um confeto para a sua alma embrocada.

—Eu bem dizia, impõe o Mirasol, da cadeira, em que se achava empungado á assistir o espectáculo, eu bem dizia que não havia de ser burro toda a minha vida! Seres sabio, ainda que por breves! Parece-me que já estou vendo os meus

adiladores a se segredarem: lá vai D. Tonic, o sabio! D. Tonic, o philosopho!... Oló! o philosopho!... Eu bem dizia que não havia de ser burro toda a minha vida!

Foi pouco e pouco o pobre sacerdote se desprovenindo de tudo quanto possuia, em favor de seus semelhantes, até que ficou reduzido a nada!

Está ahí—o capitão n.º.

Agora, leitor, que vamos terminar esta enfadonha, mas historica narração, convém declarar-vos que os contemplados no testamento do infeliz padre não lograram gozar do ginhão, que lhes tocou. O povo foi demasiado caridoso para com o fio capitão. Aos rogos indescrepiveis das bellas irmãs do coração, ao *tie-tar* nervoso d'aquelles coraçãozinhos, ceder a ira popular. O padre não foi morto; deixou, porém, de ser capellão-capitão.

—O parvo D. Tonic exclamou, irourez: com milhares de diabos! que lei de ser burro toda a minha vida!

—O Mourão, por seu turno, tambem resmungou: é nada sua mania ter dignidade!

—O Mirasol, a quem negarão a posse da batina por não ser do mesmo comprimento de seu corpo, disse, cheio de contentamento: *quem o alheio veste, na praça o despe*. Ainda bem que a batina não serviu-me.

—A devota, herdeira da sotaina, levantando as mãos ao ceo, pronunciou as seguintes palavras, com uma ternura estudada: aquella batina! aquella batina! era uma santa batina!

O Fouseca, enquanto se revornasse de suas sinistras vestes, nem por isso deixou de ser—o capitão n.º.

S. Luiz—19—9—81.

A. F. Z.

ECHOS DA RUA.

Urbano Gomes, espiritoso successor de Aluizio Agaveo, arranjou mais um qualificativo pandego para o *posiquia clerical*, Chamou-o de *pandorgo*.

—Feliz lembrança. E realmente uma *pandorgo* de meia dúzia de muscos cacachacados.

A *Pandorgo* continua a guardar um silencio compassivo e de respeito á correspondencia do Sr. Dorotheo Manoel Pinto, que não quiz mais ser o respon savel pelas infamias d'aquelle *posiquia*.

—Este negocio é mais sério do que se pensa, porque o juiz que desparatou a petição do Dorotheo é cidadão do proprio Mourão.

Frei Teboco apunhou na testa de São José de Ribeira o mais furioso *gato* de que ha memoria nos annos d'aquelle commo. O Bicho foi de tal fureza que o padre empunhou a vara de ferro e queria que o carro dos bois corresse como qualquer bond.

—Este facto, segundo nos consta, grangeou-lhe o cargo de juiz da festa de São Martinho.

O ilecomparavel D. Balbino, por occasião de uma missa no Recolhimento, dirigiu a uma respeitavel virva que alli se achava, e que elle supoz ser do henheiro, umas graçolas tão pesadas e indigestas, que obrigaram-na a passar-lhe uma solenne e publica reprimenda.

—Se todas as Senhoras procedessem como esta, o *Carreta* ver-se-hia obrigado a mudar d'embocadura!

Perdeu-se nas Pregaças a camboneira —PIMPERE NO GRAM PARÁ—trazendo ao Estado não pequeno prejuizo.

—Entretanto temos aqui uma *Aracanga* padre que não vai ao fundo nem pelo diabo.

A *Pandorgo* pergunta no seu ultimo

numero pela CARTA TESTEMUNHAVEL, persuadida talvez de que afrouxamos.

—Durante um anno ainda não tiveram tempo de comprehender aquelles parvos, que sórá mais facil Antonio Candido criar juizo, do que O Pensanca enfraquecer.

O estimavel seu Paveza voltou de Vianna com *aquelle* ophá, que p'ra alli levára e que os parentes não quiseram receber.

Polbre *Paveza!* os tempos não lhe correm bons.

João Gualberto, indo uma destas ultimas agules para certa casa na rua do Pesponto, onde costuma diariamente pastrar, com grave prejuizo da reputação das doas, apunhou pela batina um molho aromatizado, que certa vizinha não quiz conservar em casa por já ter tocado silencio.

—Pena é que ella não atrasse mais depressa para lhe apunhar nas ventas.

O Vigario de Piracema vai expor á venda um medicamento de sua invenção intitulado—*Elixir do gastronomico ou ointungo das indigestões*, com o qual, diz elle, zomha-se dos vovos e outras idelicias mularias.

—Consta-nos que o remedio será bento pelo bispo e vendido pelo capitão Paria, ex-vendilhão dos *posiquia* contra macons.

No collegio de Lourdes, dizem que foi ha tempos adoptado um catechismo que lida no fim diversas insultos contra macons, escriptos pelo parvo Frei Marinho, e que annual foi regeitado porque alguns pais, que o leram, ameaçaram tirar suas filhas, se tal livro continuasse.

—Que excellentes pais e que estúpido jesuita!

—Esquecia-nos dizer que a *Pendorgo* continua a vir-nossa como um cordeiro e apenas cheia de neceda des bispoticas e papaes.

—Podera São Dorotheo não quiz e *testa de ferro* não se arranja assim.

Informam-nos que no Recolhimento, casa de paz e mansido, surrou-se um dia de um modo deslumina, uma menina ali asyada.

—Desto facto altamente condemnavel tratamos com os pontos nos firmo nosso proximo numero, por não nos permitir agora o espirito.

Movimento dos templos, Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Item and Price. Items include: 30 das analphabos... 8, 10 das das a Pandorgo... 18, Thesouroira estada... 1, Zeladora empio... 1, Grande chela das pagés... 1, Sem pauzinho de mil homes... 1, Seu pilão negro e vivente... 1, Sua bilha carunchosa... 1, Curiosos diversos... 12.

M. Sei Paveza tem faltado porque anda atrapalhado.

Savir Pompadour.

CRONICA.

Fui infeliz com a minha primeira chronica. Agarrado á ultima hora para occupar o esquisito cargo de chronista, só no dia 9, ás 2 horas da tarde, pude entregar as 18 tiras a que me haviam senlenciado os meus amigos da redacção.

Devido á falta de tempo, pois no dia 10, ao meio dia, era distribuido O Pensador, deram-se innumerables e gentias incorrecções que o bom senso do leitor corrigira.

Parce-me já estar vendo o galhofeiro Fouseca rir-se deste pequeno cavaco. Maroto!... sem duvida alguma, a mi-

